

ASPECTOS ESTÉTICOS DO ROMANCE HISTÓRICO

AESTHETIC ASPECTS OF THE HISTORICAL NOVEL

Arlene Vasconcelos*
Marcelo Peloggio**

Resumo

O gênero romance histórico permitia, através de uma identificação do homem com o seu passado, uma conciliação desse homem com o seu próprio tempo. Esse entendimento de uma “atualização” histórica ainda se revela na pós-modernidade, com a metaficção historiográfica. Trabalhando com os termos “romance histórico” e “metaficção historiográfica”, objetiva-se, através da leitura e análise das obras *Guerra dos Mascates* (1873-1874), de José de Alencar, e *Memorial do Convento* (1982), de José Saramago, evidenciar as semelhanças e diferenças que esses dois romances apresentam na reconstrução de um passado, investigando a abordagem ficcional dada pelos autores aos acontecimentos reais e ficcionais, bem como seu entrelaçamento, o que resultaria em uma quebra de compromisso com a verossimilhança externa. Para isso, propõe-se uma investigação do “fazer historiográfico” de José de Alencar e de José Saramago, a configuração de romance de cada um, a construção dos personagens, a abordagem das personalidades históricas presentes nas obras e sua relação com os personagens ficcionais e, por fim, mas não menos importante, a construção do mundo ficcional e sua relação com a realidade empírica.

Palavras-chave: Estruturação da narrativa; Romance histórico; Metaficção historiográfica.

Abstract

The historical novel genre had allowed, through an identification of the man with his past, a reconciliation of this man with his own time. This understanding of a historical "update" still reveals itself in postmodernity, with the historiographical metafiction. By working with the terms "historical novel" and "historiographical metafiction", we aim, through reading and analyzing the works *Guerra dos*

* Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC), é doutoranda em Literatura Comparada também pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

** Doutor em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF), é professor adjunto de Literatura Brasileira no Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Mascatés (1873-1874), written by José de Alencar, and *Memorial do Convento* (1982), by José Saramago, to highlight similarities and differences that these two novels show in the reconstruction of a past, investigating the fictional approach given by the authors to the real and fictional happenings, as well their interlacing, resulting in a breach of commitment with the external verisimilitude. In order to reach this goal, we propose an investigation of José de Alencar's and José Saramago's "historiographical making", the configuration of historical figures in the works and its relation to the fictional characters and, last but not least, the construction of a fictional world and its relation to the empirical reality.

Keywords: Narrative structure; Historical novel; Historiographical metafiction.

Os leitores dos grandes clássicos de Homero, *Ilíada* e *Odisseia*, penetram em um mundo de unidade substancial mítica, cuja estrutura formal mescla poesia e história. São, na verdade, obras de fundamental importância em relação ao registro do trajeto histórico dos valores éticos, políticos e sociais da humanidade, que mostram quão antiga é a ligação entre ficção e história. Essa herança foi passada para o romance, que Lukács afirma ser “a forma da virilidade madura, em contraposição à puerilidade normativa da epopeia” (LUKÁCS, 2007, p. 71).

Dando um salto para o romance histórico, consequência natural, no mundo moderno, da epopeia, encontramos, talvez pela aproximação existente entre as formas discursivas, o dado histórico mesclado ao artístico, desta feita, com a prosa. Surgido no decorrer do século XIX e com origem vinculada às narrativas de Walter Scott, o romance histórico desempenhou papel de grande importância na formação da nacionalidade, no Brasil e em outros países da América e Europa, promovendo uma valorização do passado e dos bens culturais de cada país. Caracterizavam-se, ainda segundo Lukács (1983), por traçar grandes painéis históricos, obedecendo à linha cronológica dos acontecimentos e utilizando-se dos dados históricos para dar veracidade à narrativa. Era também uma característica que personagens fictícios participassem, ainda que não ativamente, dos acontecimentos históricos e que personagens reais fossem apenas citadas, integrando o pano de fundo da narrativa. Contudo, para Pedro Calmon, a narrativa histórica ultrapassa essa organização, mesclando história com ficção, pois se “constitui, na teia imaginosa do enredo, a paisagem colorida; é o fundo

panorâmico da intriga, o seu interesse cronológico, a conexão com o vasto mundo do passado, a luz erudita que lhe destaca a realidade fictícia” (CALMON, 1967, p. 10).

O século XIX, no entanto, também foi o século em que a ciência da história estava se formando, se articulando. O século da “profissionalização” (WHITE, 1992, p. 147) do estudo da história e as opiniões dos pensadores para essa fusão da ciência com a história não entraram em consenso. Alguns defendiam que, ao escrever o romance histórico, o qual seria uma versão mais leve da historiografia, o romancista poderia “preencher as lacunas deixadas pelo registro histórico, nunca, porém, afastando-se do consagrado” (BASTOS, 2007, p. 11). Outros entendiam o romance histórico como arte apenas; e como objeto ficcional, portanto, de invenção, poderia reclamar o direito de fazer uso ilimitado da história e utilizá-la “apenas como matéria-prima sobre a qual deveria exercitar-se a imaginação do escritor” (BASTOS, 2007, p. 11).

Essa busca por uma revelação do passado concretizou-se no romance histórico, o qual não se limitou ao período romântico, apesar de ter sido este seu mais forte momento. Mesmo tendo perdido popularidade entre os escritores com o advento da influência de teorias científicas ao final do século XIX, essa estratégia narrativa não foi de todo abandonada e, tomando um novo fôlego a partir do segundo quartel do século XX, chegou aos nossos dias.

A contradição fica por conta de estarmos vivenciando uma fase de identificação e de valorização do fator a-histórico – ou, ao menos, é o que aventa uma parte da crítica –, da multiplicidade, da heteroglossia. Por outro lado, não há contradição alguma quando se considera que tanto o ficcionista quanto o historiador estão recontando o passado, recriando uma realidade que não mais existe e que, portanto, a história se faz contemporânea na medida em que pensamos sobre ela. O que vai variar é a forma como essa realidade é apresentada ao leitor, já que o historiador trabalha dentro de limites bem definidos, enquanto o ficcionista está livre para ousar e mesclar fatos com imaginação. “A tarefa do historiador, portanto, consiste em desenvolver um ‘diálogo’ no qual se permita que o passado autônomo questione nossas tentativas recorrentes de reduzi-lo à ordem” (KRAMER, 1992, p. 134). Esse seria, então, um modelo dialógico para a narrativa histórica, em que o historiador procura ouvir as “vozes submersas” (LACAPRA, 1991, p. 139) do passado, que consistem nos fatos ou personagens que não constam dos registros oficiais, mas que ajudam a formar o mosaico da história.

Assim, além do estilo literário, o romance torna-se relevante à pesquisa histórica como fonte documental de representação da vida social, que pode ser convertida em elemento de importância para a história, promovendo um questionamento das fronteiras que separam a história da literatura, tentando focalizar “o papel decisivo da linguagem em nossas descrições e concepções da realidade histórica” (LACAPRA, 1991, p. 134).

A história entrelaça-se com a literatura e distantes e famosos personagens históricos passam a ser retratados a partir de uma ótica mais artística. As pessoas (históricas), ao se tornarem ponto zero de orientação, ou ao serem focalizadas pelo narrador onisciente, passam a ser personagens; deixando de ser objetos e transformando-se em simples sujeitos, seres que sabem dizer “eu” (ROSENFELD, 1992, p. 26).

Tem-se, então, uma perspectiva temporal caleidoscópica, apontando, a cada momento, para novas possibilidades de vida, para não cair no equívoco de homogeneizar a multiplicidade de práticas e, assim, deixar passar o que há por baixo da narração dos grandes feitos históricos e das grandes “batalhas”. Segundo Foucault,

por trás da história desordenada dos governos, das guerras e da fome, desenham-se histórias, quase imóveis ao olhar – histórias com um suave declive: história dos caminhos marítimos, história do trigo ou das minas de ouro, história da seca e da irrigação, história da rotação das culturas, história do equilíbrio obtido pela espécie humana entre a fome e a proliferação (FOUCAULT, 2008, p. 03).

Essa é a história que se pode identificar na leitura dos romances de cunho historiográfico de José de Alencar e de José Saramago. A eles não interessam os grandes feitos, pois sobre os mesmos já se falou bastante, mas o que aconteceu nos “bastidores” da grande peça, ou até mesmo antes, como é o caso de *Guerra dos Mascates* (1873-1874), cuja história termina no início da batalha propriamente dita, ou de *Memorial do Convento* (1982), a trazer a lume os pequenos participantes da construção do grandioso Convento de Mafra, em Portugal. Nessas histórias, os autores não trabalham com conceitos universais, mas com a dimensão humana dos personagens, já que os conceitos universais impedem o acesso às camadas sedimentares, ou seja, às camadas que estão abafadas e que Paul Veyne denomina como as partes submersas do *iceberg*. Para ele,

só a ilusão de um objeto natural cria a vaga impressão de uma unidade; quando a visão se torna embaciada, tudo parece assemelhar-se; fauna, população e sujeitos de direito parecem a mesma coisa, isto é, os governados; as múltiplas práticas perdem-se de vista: são as partes imersas do *iceberg* (VEYNE, 1982, p. 164).

Faz-se necessário um recuo em profundidade, uma fuga aos grandes conceitos da história, para se chegar às partes “silenciadas”. É a dessacralização da história para reconhecê-la como “um presente projetado sobre um passado” (SHAFF, 1991, p. 106). Daí a necessidade de reescrevê-la continuamente e, talvez, o motivo maior da sobrevivência do romance histórico, em suas mais diversas denominações – desde romance histórico à metaficção historiográfica, termo aplicado às obras de cunho historiográfico que surgiram após a década de sessenta do século XX, sendo, portanto, consideradas contemporâneas ou pós-modernas. Pode-se entender o termo como uma nova conceituação do subgênero, o qual, através da verossimilhança e da autorreflexão, usaria da ironia para quebrar verdades já estabelecidas e que serviriam como base para as obras historiográficas até então, reformulando o romance histórico. O narrador, aqui, é aquele de olhar mais irônico, não conceituador, mas questionador, ao mesmo tempo em que é elo fundamental no distanciamento da metaficção historiográfica e do romance histórico tradicional, pois reflete sobre os acontecimentos passados e não apenas os apresenta ao leitor.

Ainda que possa haver quem considere que a finalidade comum do romance e da história narrada seja alienar os fatos, a ideia aqui é que se busque exatamente o contrário: desalienar os fatos, inclusive os obscurecidos pelo tempo, mediante o discurso; contudo, considerando o “falso” presente na situação desse discurso, que seria exatamente a liberdade de criação do romancista, partindo do fundo verdadeiro para chegar à “verdade” de sua obra de arte, através do romance histórico.

Na solução formal encontrada pela literatura, o romance histórico, tem-se como base um fato de extração histórica e trata-se o passado como algo “que poderia ter sido”, melhorando-o ou, simplesmente, utilizando-o para dar vida a novos conceitos, pairando sobre as relações possíveis entre o historiador e o poeta (BASTOS, 2007, p. 83). O gênero permitia, através de uma identificação do homem com o seu passado, uma conciliação desse homem com o seu próprio tempo (ANTUNES, 2009, p. 27). Esse

entendimento de uma “atualização” histórica ainda se revela na pós-modernidade. Linda Hutcheon sugere que “reescrever ou rerepresentar o passado na ficção e na história é – em ambos os casos – revelá-lo ao presente, impedi-lo de ser conclusivo e teleológico” (HUTCHEON, 1991, p. 147). Para Hutcheon, a metaficção historiográfica, além de evidenciar a origem comum da história e da ficção na verossimilhança, põe em questionamento as verdades absolutas do passado, subvertendo a história através da ironia.

Trabalhando com os termos “romance histórico” e “metaficção historiográfica”, observa-se, através da leitura e análise das obras já citadas – *Guerra dos Mascates*, de José de Alencar, e *Memorial do Convento*, de José Saramago –, a semelhança que esses dois romances têm na reconstrução de um passado, apesar de estarem separados por um oceano, por um século e por uma conceituação. Ambos desmitificam a história oficial de seus países, enfatizando a energia criativa da massa que, longe de ser irracional, atua como agente transformador de sua própria época. Tanto a conhecida batalha brasileira como a construção do famoso convento português servem de base aos romances, servindo de importante ponto de apoio para o desenrolar dos acontecimentos; no entanto, não são o eixo central de cada narrativa. Cedem esse espaço ao aspecto humano de cada obra. Seja ele o dos personagens ou o do próprio narrador.

José de Alencar e José Saramago, portanto, têm em comum a característica de afastarem-se da visão positivista da história, o que não é prerrogativa deles. Outro romancista histórico português, Almeida Garret (1799-1854), afirmou que “a ‘verdade do romancista’ é uma verdade relativa que difere da ‘verdade absoluta’ do historiador” (CHAVES, 1980, p. 34), aproximando-se, portanto, da visão presentista de Benedetto Croce, para o qual a história é contemporânea na medida em que pensamos sobre ela. Sendo qualquer fato passado somente um acontecimento sem maior importância para os que não se encontram a refletir sobre ele:

Qual é o interesse presente da história que narra as guerras peloponésias, ou as mitridáticas, ou os eventos relacionados com a arte mexicana ou com a filosofia árabe? Para mim, neste momento, nenhum; e por conseguinte, para mim, no presente momento, aquelas histórias não são histórias, mas, quando muito, simples títulos de obras históricas; forma ou serão histórias naqueles que as pensaram ou pensarão, e também em mim quando as pensei ou quando as pensar,

reelaborando-as de acordo com as minhas necessidades espirituais (CROCE, 1974, p. 277).

Todavia, se a visão idealista de Croce faz parte da escrita da história de Alencar e de Saramago, há que se considerar o modo como eles estruturam suas obras. Nos romances propostos para análise pode-se perceber diversos elementos em comum, como a presença de um narrador irônico, a desmitização e a satirização do poder, bem como o período em que se passam os acontecimentos dos dois romances, o século XVIII. O tom de irreverência da narrativa é usado como crítica ao sistema, evidenciado quando os narradores escarnecem de figuras políticas importantes. Em *Memorial do Convento* o próprio casal real é alvo da ironia do narrador desde as primeiras páginas:

D. João, quinto do nome na tabela real, irá esta noite ao quarto de sua mulher, D. Maria Ana Josefa, que chegou há mais de dois anos da Áustria para dar infantes à coroa portuguesa e até hoje ainda não emprenhou. Já se murmura na corte, dentro e fora do palácio, que a rainha, provavelmente, tem a madre seca, insinuação muito resguardada de orelhas e bocas deladoras e que só entre íntimos se confia (SARAMAGO, 2011, p. 11).

A dessacralização da realeza é indicada em diversos momentos: da consciência da brevidade da vida, da dificuldade na concepção de um herdeiro para a coroa e, inclusive, ao torná-los, rei e rainha, vítimas impotentes de meros perचेjejos, os mesmos que perturbam os que não têm sangue nobre e nem dormem em camas de dossel:

Quando a cama aqui foi posta e armada ainda não havia perचेjejos nela, tão nova era, mas depois, com o uso, o calor dos corpos, as migrações no interior do palácio, ou da cidade para dentro, donde este bichedo vem é que não se sabe, e sendo tão rica de matéria e adorno não se lhe pode aproximar um trapo a arder para queimar o enxame, não há mais remédio, ainda não o sendo, que pagar a Santo Aleixo cinquenta réis por ano, a ver se livra a rainha e a nós todos da praga e da coceira (SARAMAGO, 2011, p. 16).

Já em *Guerra dos Mascates*, a figura do governador e capitão-geral de Pernambuco, na época em que rebentou a guerra dos mascates, Sebastião de Castro e Caldas, tem sua descrição no livro apresentando algumas fraquezas de forma irônica: “Era nobre e viril o parecer do cavaleiro, especialmente em repouso; mas desde que se punham em ação suas faculdades, desprendia-se delas um prurido de atividade sôfrega e

volúvel, que desconcertava a compostura do semblante, como do talhe” (ALENCAR, 1958, p. 46). Tal inconstância de pensamentos, tão explicitada no semblante do capitão-geral, quebra sua aura de seriedade e põe em questionamento suas ações pelo leitor, que já não se sente seguro de que tal governante esteja a tomar sempre as mais sábias decisões. Essa “fraqueza” não condiz com o retrato dos grandes líderes que é pintado pela historiografia oficial.

No trecho a seguir, o governador passa da satisfação à irritação, manifestando seus sentimentos, ainda que fugidios, em uma cena que revela também sua vaidade.

No momento em que a luzida cavalgada, avançando a passo moderado, defrontou com a janela do sótão, um ligeiro sorriso perpassara nos lábios do governador, eriçando de prazer o fino bigode, que sua mão branca e esmerada alisou com um gesto rápido.

Tinha percebido o vulto gracioso de Marta, que destacava no vão da janela, como a figura de uma sílfide na tela escura de exímio pintor. [...] Breve se apagara nos lábios do governador o sorriso, percebendo que a menina não estava só, mas praticando com alguém. Ao ver o intruso, a posição em que se achava, e a casta de gente que era, carregou-se-lhe o sobrolho; e por uma leve depressão do lábio superior, dir-se-ia que mordera um fio do bigode (ALENCAR, 1958, p. 47).

A mistura de sentimentos, qualidades e fraquezas tornam os personagens históricos mais humanos aos olhos do leitor, o qual passa a se identificar diretamente com esses personagens e as figuras ficcionais, revivendo, então, o passado. Em Alencar e em Saramago, esse processo de aproximação do leitor com a história se dá através da ficcionalização do fato histórico. Porém, vale ressaltar que, enquanto a ironia de Saramago se restringe aos representantes do poder, reservando ele uma narração mais simpática a Blimunda e seus companheiros, Alencar desafia a própria relação de classes ironizando também os personagens menores da trama. Em *Guerra dos Mascates*, um episódio retoma vividamente aspectos da Idade Média de forma cômica. Ocorre quando D. Severa, armada e vestida como um cavaleiro medieval, desafia o governador d. Sebastião:

Fronteiro a palácio estava postado um cavaleiro petiço e magriço, armado de todas as peças, capacete, gorjal, couraça, grevas, espaldeira, braçais e guante, com o ginete estacado e a lança em

punho. No elmo trazia ele por timbre uma aspa de vermelho com cinco estrelas de ouro, e na cota de malha o escudo dos Barros, campo vermelho, três bandas de prata, e sobre o campo nove estrelas de ouro.

Outro cavaleiro também armado de todas as peças, e das mesmas cores, se adiantara até o pórtico e batendo três vezes no escudo com o conto da lança, clamou em voz alta:

– Ouçam todos este repto. O cavaleiro das estrelas, por mim, seu escudeiro, te desafia a ti d. Sebastião de Castro Caldas a combate singular, onde te provará à lança e à espada, a pé e na estacada, que és um cavaleiro desleal, pois não sabes guardar a cortesia às damas (ALENCAR, 1958, p. 192).

Já Baltasar, um dos personagens principais do romance de Saramago e homem do povo, não sofre com a ironia reservada aos da realeza:

Nestes dias primeiros ajuda Baltasar ao pai no trabalho do campo, outra terra de que este é caseiro, tem de aprender tudo desde o princípio, é certo que não esqueceu os antigos gestos, mas agora como os fará. E, para prova de que em sonhos não há firmeza, se foi capaz de lavar, sonhando, o alto da Vela, bastou-lhe olhar outra vez o arado para perceber o que vale uma mão esquerda. Ofício cabal, só o de carreiro, mas, não havendo carreiro sem carro e junta de bois, por agora servirão os do pai, ora eu, ora tu, amanhã terás que te pertença, e morrendo eu cedo, talvez venhas a forrar o dinheiro que juntares para comprar a junta e o carro, Pai, que não o ouça Deus (SARAMAGO, 2011, p. 105).

O trecho encerra com certa tensão, assemelhando-se à forma como são narrados os acontecimentos que se referem à família real e alguns representantes da Igreja.

Essas ilustrações permitem considerar que os romances históricos apontados em questão não apresentam o passado como algo estanque, morto, petrificado, como defendiam os positivistas, pois que rejeitam a neutralidade tanto do leitor como do próprio historiador que o narra. E não é a representação de um passado estanque o que encontramos nas páginas das obras analisadas, pois que os autores descrevem quadros vivos das sociedades brasileira e portuguesa do século XVIII, optando ambos por um fato histórico em detrimento de outros, já assim perdendo a neutralidade, e suavizando a rigidez das personalidades ali identificadas.

Através da interação dos romances históricos de Alencar e de Saramago com o pensamento dos autores citados, é possível estabelecer tais relações de aproximação e

distanciamento que esses mesmos autores conquistaram ao propor o entrecruzamento da história com a literatura, sem, no entanto, pretender enquadrar os romancistas em nenhuma classificação fixa, seja ela científica ou artística, visto que os conceitos da crítica para os termos “romance histórico” e “metaficção historiográfica” podem não se adequar a pelo menos um dos autores, no caso, o brasileiro – considerando, também, o distanciamento temporal, na análise da configuração de cada uma das obras, visto que todo um século de grandes transformações histórico-filosóficas e político-sociais os separa.

Na elaboração da uma História contada através dos marginalizados da historiografia oficial, Alencar e Saramago apresentam visões diferenciadas da História, enfatizando o indivíduo e deixando cair por terra a ideia de uma verdade absoluta do passado. Cada personagem aparece como sujeito de uma história particular, a qual, entretanto, não é desvinculada do cenário historiográfico maior. Ao contrário, é parte inerente dele, formando-o e enriquecendo-o intrinsecamente. Empregando com propriedade o direito a ficcionalizar os fatos, todavia, os autores não tratam a história apenas como matéria-prima para a imaginação criadora. Ao entrelaçar fato e ficção, eles aproximam a história do leitor até o ponto de contato mais íntimo: faz com que ele penetre nas emoções dos personagens históricos e participe ativamente do desenrolar dos acontecimentos. Como romancistas, sabem valorizar o discurso, pois que trabalham diretamente o artístico; e como historiadores, atingem a dimensão sentimental, humana, através das ações dos personagens que dramatizam o fato histórico.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. **Guerra dos mascates**. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1958, v. III.

ANTUNES, Luísa Marinho. **O Romance Histórico e José de Alencar**. Contribuição para o Estudo da Lusofonia. 2009. Coleção TESES, n. 3, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico, 453 pp. [CR-ROM].

BASTOS, Alcmeno. **Introdução ao romance histórico**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

CALMON, Pedro. A verdade das minas de prata. In: ALENCAR, José de. **As minas de prata**. Romance brasileiro. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1967.

CHAVES, Castelo Branco. **O romance histórico no romantismo português**. Portugal: Instituto de Cultura Portuguesa; Ministério da Cultura e da Ciência, 1980.

CROCE, Benedetto. A natureza do conhecimento histórico. In: GARDINER, Patrick. **Teorias da história**. Tradução de: Vitor Matos e Sá. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1974.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de: Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Tradução de: Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.

KRAMER, Lloyd S. Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick Lacapra. In: HUNT, Lynn (org.). **A nova história cultural**. Tradução de: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LACAPRA, Dominick. História e o romance. In: **RH – Revista de História**, Campinas, IFHC/UNICAMP, n. 2/3, primavera de 1991.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica**. Tradução de: José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2007.

LUKÁCS, Georg. **The historical novel**. Translated from the german by Hannah and Stanley Mitchell. Lincoln/USA: University of Nebraska Press, 1983.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In: CANDIDO, Antonio (org.). **A personagem de ficção**. 9. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

SARAMAGO, José. **Memorial do Convento**. 41. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

SHAFF, Adam. **História e verdade**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VEYNE, Paul. **Foucault revoluciona a história**. Tradução de: Alda Baltar e Maria A. Kneipp. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

WHITE, Hayden. **Meta-História: a imaginação histórica do século XIX**. Tradução de: Jose Laurênio de Melo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.